

科学による人種の発明

—黒人恐怖症の近代化—

アルベルト・ルイス・シュナイデル

現在、ブラジルは多くのアフリカ系人を擁し、世界でもっとも多民族的な社会の一つとなっている。ブラジル社会の形成史は近代奴隷制と密接な関係をもち、16世紀から19世紀半ばにいたるまで、全国各地で黒人奴隷が使われていた。19世紀後半、奴隷制が廃止されると、今度は、西洋における新たな発明が非白人、とくに黒人に襲いかかった。生物学的な性質を有し、科学的に測定可能な「人種」という概念の発明である。

本稿では、19世紀ブラジルにおける科学的人種主義と優生学の受容を概観したのち、奴隷制廃止の前後に活動した代表的な知識人の一人、シルヴィオ・ロメーロ（1851-1914）の混血をめぐる思想に焦点を当てる。シルヴィオ・ロメーロは、ゴビノー、アガシ、ダーウィン、スペンサー、ルナン、テーヌ、ゴールトンなどの著書を通じて、科学と人種的不平等を確信していたが、ゴビノー流の人種的不平等論を逆転し、「進んだ人種」との混血を通して「遅れた人種」を改良する可能

性を見出した。その背景には、多くの非白人を抱えたブラジル国民を劣等視する視点と、その「劣等国民」のヨーロッパ化＝白色化を願う民族主義的な願望があった。

(Alberto Luiz Schneider・東京外国語大学)

A invenção científica da raça: a modernização negrofobia

Alberto Luiz Schneider

O Brasil comporta um grande contingente populacional de origem africana, constituindo-se em uma das maiores sociedades multi-étnicas do mundo, um dos destinos fundamentais da diáspora africana. A formação histórica do país está profundamente associada à escravidão moderna que o Ocidente instituiu no Novo Mundo. Embora os índios tenham sido alvo dos europeus, foram os negros que constituíram a grande massa humana utilizada nas plantações da América do Norte e do Sul, desde o século XVI até a segunda metade do século XIX. Quando a instituição escravocrata enfim cedeu, uma nova invenção ocidental se abateu sobre os povos não-brancos, particularmente os negros: a invenção de uma percepção de raça como um atributo biológico e cientificamente mensurável.

Os preconceitos culturais contra outros povos são evidentemente antiqüíssimos. Sabe-se que os egípcios escravizaram os hebreus e tinham deles opiniões pouco lisonjeiras. Os gregos consideravam bárbaros todos os povos que não falassem sua língua nem professassem seus valores. Logo após a chegada dos europeus na América, uma bula papal emitida em 1537, por Paulo III, declarava que os "selvagens" eram pessoas verdadeiras e possuidoras de alma. A novidade do século XIX foi o estabelecimento de uma concepção de "raça" baseada na existência de uma suposta natureza humana inscrita no corpo, pois patente no próprio patrimônio genético de um grupo ou indivíduo. O termo "raça", originário do latim *ratio* - usado para designar categoria, espécie, descendência -, já existia desde muito antes, mas ainda não possuía uma dimensão propriamente genética. A Biologia, que como disciplina autônoma nasceu não coincidentemente no século XIX, forneceu o modelo epistemológico, cientificamente legítimo, capaz de explicar a diversidade humana.

Se o preconceito contra o *outro* é tão velho quanto a própria humanidade, a novidade é o estabelecimento de uma inferioridade intrínseca, o que impediria a possibilidade da conversão, assimilação ou aprendizado. Foi apenas no século XIX, sob a égide da ciência, que a noção de raça recebeu critérios morfológicos como o tipo nariz, a cor da pele ou o formato do crânio. Convém lembrar que a ciência crescia em autoridade na mesma medida em que a religião declinava, e foi sob os auspícios desse novo critério da verdade que se chegou a afirmar a desigualdade natural das raças. Já não seriam mais os fenômenos de ordem religiosa, lingüística,

jurídica ou cultural que definiriam a "raça", mas a crença de que todos esses aspectos possuiriam uma determinação física¹.

O racismo sob base científica não foi uma invenção súbita do século XIX, nem a ciência o inventou a partir do nada. Já na Bíblia - esse texto fundamental da cultura ocidental - se encontra uma explicação para diversidade humana. O mito de Noé classifica a humanidade em três grandes grupos, cada um deles representados por um dos filhos de Noé: Jafet seria o ancestral dos brancos, Sem dos amarelos e Cam, pai de Canaã, seria o ancestral dos negros. Em *Gênesis* narra-se a aliança que Deus fez com Noé e seus filhos, que sobreviveram à devastação do dilúvio e reiniciaram a vida na terra. "Noé, que era agricultor plantou uma vinha. Tendo bebido vinho, embriagou-se, e apareceu nu no meio de sua tenda" (9, 21-22). A embriaguez do patriarca levou Cam a fazer comentários pouco respeitosos sobre o pai. Noé, ao ser informado por Jafet e Sem, do desrespeito de Cam, amaldiçoa-o dizendo que seu filho Canaã e os filhos destes seriam escravizados pelos filhos de seus irmãos: "Madito seja Canaã, disse ele; que ele seja o último dos escravos de seus irmãos! E acrescentou: bendito seja o senhor Deus de Sem, e Canaã seja seu escravo! Que Deus dilate a Jafet; e esse habite nas tendas de Sem, e Canaã seja seu escravo!" (9, 25-26-27).

O mundo da razão e da ciência reinventou o mito bíblico. No século XVIII, os filósofos iluministas contestaram a explicação religiosa do mundo sustentada pela Igreja. Kant, um dos maiores filósofos do Ocidente, chegou a afirmar que "os negros da África não têm por natureza nenhum sentimento superior à frivolidade". O Iluminismo abriu caminho para o nascimento de novas disciplinas, entre elas a chamada História Natural da Humanidade, mais tarde, já no século XIX, transformada em Biologia e Antropologia Física. O desenvolvimento de uma percepção científica em torno da idéia de raça ensejou profundas conseqüências. A publicação de *A origem das Espécies* (1859), de Charles Darwin deu margem para novas e crescentes especulações acerca da raça patrimônio propriamente genético. O mundo ocidental assistiu entre assombrado e maravilhado o nascimento desses novos discursos científicos, que se pretendiam neutros e objetivos. A fé na ciência foi paulatinamente substituindo outros signos da verdade.

Como decorrência dos debates científicos em torno da idéia de raça aparece a noção de eugenia, pioneiramente desenvolvida pelo inglês Francis Galton (1822-1911) a partir de 1865. Esse novo saber apresentava-se como uma ciência destinada a aperfeiçoar artificialmente a qualidade genética de uma população. Se as qualidades humanas eram hereditárias, para se

¹ SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia da Letras, 1993. p. 43-66.

e elevar o nível de determinada população seria necessário facilitar ou incitar a reprodução dos "bons" indivíduos e desestimular ou mesmo estancar a reprodução dos "maus", fossem eles oriundos das raças "fracas" ou não. Mas evidentemente a maioria dos "tarados", "degenerados" e "feios" não viriam da valorosa raça branca, menos ainda de seus estratos mais "puros". Nos Estados Unidos e vários países da América Latina, medidas espetaculares foram tomadas no sentido de esterilizar os "débeis" e selecionar os melhores imigrantes².

A eugenia teve uma série de desdobramentos e tendências diversificadas de pensamento, mas é certo que seu discurso teve influência e prestígio científico ainda por muitas décadas, século XX adentro, deitando fundas raízes nos Estados Unidos, de onde se espalhou pelo mundo. Eugenistas famosos como Mandison Grant e seu discípulo Lothrop Stoddard gozavam de notável reputação e audiência. No entanto, se pode compreender a amplitude do racismo científico ao se observar a aceitação quase geral desse discurso. Na virada do século a eugenia foi um conjunto de idéias respeitáveis, cientificamente convincentes e partilhadas por importantes jornalistas, escritores, acadêmicos e grande parte do público letrado. Henry Mencken foi um intelectual iconoclasta e crítico dos conservadores, que não deixou de ridicularizar a eugenia e a arrogância anglo-saxônica. Mencken, no entanto acreditava na ciência, como convinha a um homem de letras e defendeu a força da "experiência empírica" com um instrumento capaz de provar a realidade: *"A história do esforço irremediavelmente fútil e ilusório de melhorar os negros do Sul dos Estados Unidos através da educação fornece tal prova. A uma breve reflexão fica evidente que o negro, não importa o quanto ele seja educado, deve permanecer, em quanto uma raça, em condição de subserviência..."*³. De um ponto de vista histórico, compreender a aceitação da eugenia é tão importante quanto ela própria.

A via brasileira: os negros, a mestiçagem e o "braqueamento" da raça

A formação histórica do Brasil está intimamente ligada às conexões que a Europa estabeleceu com a África e a América ao longo da formação do mundo moderno. A ascensão do racismo científico logo se faria sentir no Brasil, país que é parte integrante do Ocidente por razões históricas. Arthur Gobineau e Louis Agassiz foram dois homens letrados e familiarizados

² STEPAN, Nancy Leys. *The Hour of Eugenics: Race, Gender and Nation in Latin America*. New York: Cornell University Press, 1984. p. 21-34.

³ MENCKEN, Henry. *The Philosophy of Friedrich Nietzsche*. London: Fisher and Unwin, 1908. p. 167-8.

com os debates científicos a cerca da diversidade humana. Ambos estiveram no Brasil e registraram em livros a lástima de um país cheio de negros e, pior ainda, mestiços de todas as matizes.

Em *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1853-1855), Arthur Gobineau, diplomata francês que serviu no Rio de Janeiro entre 1869 e 70, teceu ácidos comentários sobre os efeitos maléficos da mestiçagem, de modo que o Brasil lhe soou um exemplo acabado de suas idéias, radicalmente contrárias a miscigenação. Tomado por profundo pessimismo, Gobineau lamentou a decadência da civilização branca em função da mistura com o sangue inferior e o conseqüente abastardamento das raças “puras”. A América do Sul estaria irremediavelmente “corrompida em seu sangue crioulo” e já não possuiria “meios de evitar a queda de seus mestiços de todas as variedades e classes”. Gobineau horrorizou-se particularmente com os brasileiros, vendo-os como “uma multidão de macacos”, com a possível exceção do próprio Imperador e poucos outros. O ensaio de Gobineau serviu como uma espécie de fundamento filosófico ao desenvolvimento de uma argumentação científica sobre a desigualdade natural das raças⁴.

Louis Agassiz, professor de Zoologia da Universidade de Harvard e considerado um grande naturalista, visitou o país entre 1865 e 66, publicando *A Journey in Brazil* (1867). O autor, apesar de ter sido um cristão conservador e criacionista, também foi cientista e acreditava na poligenia da espécie, ou seja, as raças humanas não se originariam de um ascendente comum a toda espécie. Na Europa e nos Estados Unidos, Agassiz se aparelhou intelectualmente com as novas teorias científicas, segundo as quais os diferentes grupos humanos são interpretados como naturalmente desiguais. Agassiz viu na mestiçagem a perda das “qualidades físicas e morais das raças primitivas”, como o Brasil atestaria: “*Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados por falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas, deveriam vir ao Brasil*”⁵.

No Brasil, a década de 1870 marcou uma notável renovação cultural. Um “bando de idéias novas”, na expressão de Sílvio Romero, foram utilizadas para criticar a monarquia, a escravidão, o catolicismo e tudo que se definia como o atraso do país. A geração modernista de 1870 estava interessada em operar uma atualização histórica da sociedade brasileira. Isso significou uma notável adesão aos paradigmas da modernidade. A sedução de parte dos intelectuais brasileiros pelo universalismo científico, e freqüentemente racialista, levou-os a

⁴ GOBINEAU, Arthur. *Essai sur l'inégalité des races humaines*. Paris: Firmin Didot, 1884 (Primeira Edição 1854).

⁵ AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975 (Primeira edição 1854). p. 180.

desconfiarem do destino de um país tão marcado pela mescla entre as raças e pela ampla presença dos negros, que por mais de três séculos afluíam coercitivamente ao Brasil. A herança étnica e cultural das “raças atrasadas” parecia embargar a confiança num futuro moderno e civilizado para o país.

Sílvio Romero, leitor de Gobineau, Agassiz, Darwin, Spencer, Renan, Taine, Galton entre outros autores europeus oitocentistas, acreditou na ciência e na desigualdade das raças. Apesar de suas convicções, Romero não partilhava de uma extremada negrofobia, chegando até mesmo a reivindicar para os negros um lugar na história do país. Na *História da literatura brasileira*, publicado em 1888, o autor argumenta: “*A pobre raça escravizada não teve nunca o direito de entrar na História; seu trabalho intelectual foi anônimo, bem como seu trabalho físico. Ainda mesmo em fatos altamente épicos, em fenômenos extraordinários, como o do Estado de Palmares, a História é anônima. Como se chamava o herói negro, o último Zumbi, que sucumbiu à frente dos seus nos Palmares? Ninguém sabe. É de justiça conquistar um lugar para o africano em nossa História*”⁶. Aceitar os negros como parte constitutiva do país, e até a mostrar-se simpático a eles, não significou descartar as teses segundo as quais a presença africana seria negativa.

Acometido de um patriotismo mal-humorado, Sílvio Romero inverteu a tese de Gobineau: haveria desigualdades naturais entre as raças, mas a miscigenação não só não lhe pareceu degenerativa, como teria sido benéfica ao país no passado - e assim seria no futuro – na medida em que permitiu e permitiria a elevação das raças atrasadas. Além do mais, não haveria outro caminho senão assumir a condição inexoravelmente mestiça do país: “*O mestiço é o produto fisiológico, étnico e histórico do Brasil; é a forma nova de nossa diferenciação nacional. Nossa psicologia popular é um produto desse estado inicial. Não quero dizer que constituiremos uma nação de mulatos, pois a forma branca prevalece e prevalecerá; quero dizer apenas que o europeu aliou-se aqui a outras raças, e desta união saiu o genuíno brasileiro, aquele que não se confunde mais com o português e sobre o qual repousa nosso futuro*”⁷. O futuro repousaria na “boa miscigenação”, capaz de ir apagando os “maus lados do mestiçamento”: eis a via pela qual o país poderia branquear a sua população e a sua cultura, sobretudo se a imigração européia prosperasse e os imigrantes se miscigenassem com a população brasileira, mitigando a influência das raças cuja inferioridade a ciência comprovava.

⁶ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 2 v. Rio de Janeiro: Garnier, 1888 (4 tomos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953), p. 143.

⁷ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 2 v. Rio de Janeiro: Garnier, 1888 (4 tomos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953), p. 132.

Nina Rodrigues foi médico legista e professor de Medicina Legal na Universidade da Bahia, onde se dedicou a pesquisar a presença negra no país entre os anos de 1890 e 1905. Essas pesquisas deram origem a *Os africanos no Brasil*, publicado apenas em 1933. O livro aparece com uma epígrafe de Sílvio Romero em que se lê: “Apressem-se os especialistas, visto que os pobres moçambiques, benguelas, monjolos, congos, cabindas, caçangas... vão morrendo...”. A adoção da sugestão proposta por Sílvio Romero resume bem as contradições em relação aos negros que marcaram a obra tanto de um como de outro. Enquanto Romero defendeu a mestiçagem - contra a ciência em que ele próprio acreditava -, Nina defendeu as manifestações culturais dos africanos no Brasil e o direito dos negros à liberdade, inclusive quanto às práticas religiosas. No entanto, ambos os autores não abdicaram das modernas conquistas científicas, que atestavam a inferioridade racial do negro: *“O critério científico da inferioridade da raça negra nada tem de comum com a revoltante exploração que dele fizeram os interesses escravistas dos norte-americanos. Para a ciência não é esta inferioridade mais do que um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade nas suas diversas divisões ou secções”*⁸.

Sílvio Romero, num momento de otimismo, acreditou que a referida inferioridade da população brasileira cederia, pois *“o elemento branco tende em todo caso a predominar com a internação e o desaparecimento progressivo do índio, com a extinção do tráfico africano e com a imigração européia, que promete continuar”*⁹. No final do século XIX, e no princípio do XX - sob o auge do prestígio das teses científicas que davam conta da inferioridade das populações não-brancas - a imigração européia foi mais intensa do que em qualquer outro momento da história do país. Uma série de razões explica o volume de imigrantes que desembarcavam em nossos portos. No entanto, não há dúvida de que a promoção da imigração européia foi um projeto político assumido pelo Estado brasileiro. As políticas imigratórias obedeceram a um objetivo essencialmente embranquecedor, interessadas em civilizar e homogeneizar a população, afim de prepará-la ao progresso. Caberia aos imigrantes se miscigenar com a população brasileira para que se alcançasse, no futuro, a condição de um país branco e ocidental.

O quadro *A Redenção de Cam* (1895), de Modesto Brocos y Gómez representa uma exposição pictórica do ideal do embranquecimento. Na tela estão representados quatro personagens. Ao fundo um cenário característico das habitações populares brasileiras da época, como paredes de barro junto a uma palmeira. À esquerda se pode ver uma negra idosa com os

⁸ RODRIGUES, Raymundo Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Nacional, 1933. p. 119.

⁹ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 2 v. Rio de Janeiro: Garnier, 1888 (4 tomos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953), p. 133.

braços para o alto, como quem agradece por uma conquista junto aos céus. No outro lado da tela aparece, sentado, um homem branco, de aspecto latino, de meia idade ou pouco mais jovem. No centro do quadro vê-se a mãe mulata, como uma madona renascentista, com o menino branco no colo. A pintura coaduna-se com a mentalidade de muitos de nossos intelectuais cientificistas da época. Imigração e mestiçagem foram eleitas como o modo local de apagar os povos não-brancos da vida brasileira.

Sabe-se que todo conhecimento é parte de uma cultura, e a história do pensamento científico corresponde à sociedade que o produziu. Ironicamente quando a instituição escravocrata declinou nas Américas e os valores democráticos começaram a ganhar força, surgiu uma inapelável condenação aos povos não-brancos. No Brasil, o momento da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República foi o período de particular condenação dos negros. A penetração dos discursos cientificistas e racistas obliterou o debate em torno da cidadania e das conquistas de direitos.

(Alberto Luiz Schneider Tokyo University of Foreign Studies)

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo Branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

AGASSIZ, Loius. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Ed. da USP, 1963.

_____. Introdução. In: *Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro / São Paulo: Livros Técnicos e Científicos / Edusp, 1978.

GOBINEAU, Arthur. *Essai sur l'inégalité des races humaines*. Paris: Firmin Didot, 1884 (Primeira Edição 1854).

MENCKEN, Henry. *The Philosophy of Friedrich Nietzsche*. London: Fisher and Unwin, 1908.

POLIAKOV, Leon. *O mito ariano*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 2 v. Rio de Janeiro: Garnier, 1888 (4 tomos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953).

RODRIGUES, Raymundo Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Nacional, 1933.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sílvia Romero ou a mestiçagem da alma. In: *Tempo Brasileiro: Repensando o Brasil com Sílvia Romero*, Rio de Janeiro, n. 145, abr./jun. 2001.

_____. *Retrato em branco e negro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

_____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SKIDMORE, Thomas E. A agonia de um nacionalista frustrado: Sílvia Romero. In: *Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

STEPAN, Nancy Leys. *The Hour os Eugenics: Race, Gender and Nation in Latin América*. New York: Cornell University Press, 1984.

VENTURA, Roberto. *O estilo tropical: história intelectual e polêmica literária no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.